

# NGANGA

EDIÇÃO 02 - MARÇO 2022



Éxu Gererê



# Expediente

A Revista **Nganga** é uma Realização da Cova de Cipiriano Feiticeiro:

Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera Negra (Angra dos Reis) e Templo de Quimbanda Cova de Tiriri (São paulo).

## Direção geral

Douglas Rainho

## Edição e Diagramação

Natyelle Koga

## Revisão

Vilmar Rocha

## Projeto

Cova de Cipriano Feiticeiro, Templo de Quimbanda Pantera Negra e Dama da Noite, Templo de Quimbanda Cova de Tiriri e Pedido.co

## Contato

revistanganga@perdido.co



# Sumário

Editorial.....	04
Quimbanda Nàgô.....	05
O Pacto com o Diabo, a Magia Cerimonial e a Quimbanda.....	14
Exu de Umbanda e Quimbanda.....	24
Idealizadores.....	28

# Editorial

A nossa pretensão com esta revista é trazer mais acesso as pessoas sobre a **Quimbanda**, desfazendo mitos e dogmas. Porém, levar luz a um tema, não implica em torná-lo palatável para a massa. Muito do que se lerá aqui é para causar incomodo, afinal, a ordem provém da entropia em uma dança cósmica eterna.

Nesta edição trataremos da origem dos pactos e sua conformidade com as leis de Quimbanda, entendendo as responsabilidades do Kimbanda e de como a formação do brasileiro impactou diretamente na fundamentação da Quimbanda em solo brasileiro.

Entender nossas raízes é permitir ter contato com a verdadeira magia. Essa magia que permeia tudo que vive e já viveu, afinal a morte é apenas uma mudança de estado e o Kimbanda, como um bom necromante, tem as chaves para falar com os mortos.

Deleite-se nesta edição enquanto as hordas de espíritos passeiam por entre os vivos. Seja você um espírito desperto e não um morto-vivo sobrevivendo a essa passagem material.

**Saravá! Nguzo ê! Laroyê! Exuê!**

**Douglas Rainho**

Kimbanda Zelawapanzu

Sacerdote de Quimbanda Nàgô do

Templo de Quimbanda Cova de Tiriri

# Quimbanda Nãgô

POR  
TÁTA NGANGA MALEMBU MIKUNGA  
TÁTA NGANGA KAMUXINZELA

## PALAVRAS INICIAIS

A tradição literária de um culto, religião ou corrente mágica só se apresenta a partir de seu desenvolvimento e alguma maturação. Os primeiros manuscritos sobre o cristianismo primitivo apareceram quase cem anos depois de Cristo; os primeiros escritos umbandistas apareceram vinte anos depois da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas segundo a narrativa mítica das origens da Umbanda.

As primeiras publicações sobre a Quimbanda apareceram nas décadas de 1940 e 1950 por meio dos esforços de intelectuais umbandistas. As primeiras giras oficiais de Exu dentro da ritualística umbandista datam da década de 1940 também, muito embora a presença de Exu nas sessões da Macumba nas décadas anteriores já era corrente. A partir da matriz Macumba, entre 1900 e 1940 a Umbanda e a Quimbanda como «sistemas» nascem e se legitimam independentes uma da outra, mas congruentes e convergentes, o que acabou por construir narrativas equivocadas e distorcidas acerca da dependência ou da conexão direta entre ambas; é fato que a sistematização da Umbanda jogou luz sobre a Quimbanda e a manifestação dos Exus.

Aluizio Fontenelle (1913-1952) na década de 1950 se esforçou por demonstrar que a Quimbanda era outro nome para as práticas fetichistas e primitivas do africanismo presente na Macumba. Quimbanda tornou-se sinônimo de Macumba e por extensão também de feitiçaria maléfica, magia negra diabólica, culto ao Diabo na forma dos Maiorais (Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth) e baixo espiritismo; diferente da Umbanda que seguia esforçando-se por se adaptar a sociedade cristã do Brasil, salubrizando e embranquecendo a cultura africana, denominando-a magia branca, alta magia, magia de luz e espiritismo científico<sup>1</sup>.

1 Interessante notar o jogo de luz e trevas que se apresenta nessa «disputa» pelo controle ou equilíbrio do cosmos entre Quimbanda e Umbanda. Não foi diferente na Europa medieval quando feitiçaria e magia disputaram o campo religioso com o catolicismo ortodoxo estabelecido; não foi diferente também na Antiguidade quando os cristãos disputavam espaço com as religiões e cultos já estabelecidos no Mediterrâneo. Os fenômenos históricos se repetem em contextos culturais diferentes, mas permanecem reflexos da busca humana por congruência no espaço religioso.

A primeira conformação da Quimbanda acompanhou os esforços de umbandistas para criar o cosmos da Umbanda, estruturando-se no que ficou conhecido como «Sete Linhas de Quimbanda», sendo a Quimbanda Nàgô uma dessas linhas. O culto recebeu esse nome porque sua fundamentação prática baseou-se na religião tradicional yorùbá, muito embora mantivesse fidelidade

tanto a cosmovisão banto quanto a luta pela preservação da cultura africana.

Distanciando-se para muito longe da Umbanda que embranqueceu suas raízes negras, a Quimbanda não se submeteu aos dogmas e a moral do cristianismo. Por esse motivo, demonizada e criminalizada, a Quimbanda foi renegada as sombras e incredulidade. O imaginário popular da Quimbanda começou a crescer na década de 1950, quando Fontenelle caracterizou a chancela mágica (ponto riscado) do Chefe Império Maioral e a iconografia diabólica do culto, sincretizando Exus e demônios do «Grimorium Verum», um manual de magia salomônica do Séc. XVIII<sup>2</sup>.

Maioral, o Chefe da Quimbanda, tomou a forma do Bode de Mendes ou o Baphomet

de Eliphas Levi (1810-1885); os Exus e Pombagiras tomaram formas diabólicas e imagens foram construídas para antropomorfizá-los, no entanto, com chifres, rabos e pés de bode.

2 O Grimorium Verum é um manual de feitiçaria medieval atribuída escrita do Séc. XVI, mas seu conteúdo reflete a mente do mago europeu do Séc. XVIII. Diferente dos grimórios salomônicos anteriores, o Grimorium Verum coloca ênfase no trato ameno e pacífico com os espíritos através de pactos e oferendas. O Grimorium Verum possui profunda influência de A Chave de Salomão e do Lemegeton, sendo um dos primeiros a colocar ênfase no aspecto satânico da magia. Conhecido como o grimório da magia negra per si, a fama acabou sendo maior que o dono dela, porque existe pouca coisa de magia negra efetivamente nele. Veja Aaron Leitch. *Secrets of the Magickal Grimoires*. Llevellyn Publications, 2005. Este livro trata do renascer moderno da magia dos grimórios onde inserimos a Quimbanda em seu contexto. Ainda sobre esse renascimento, dentre muitas obras especiais, veja Aaron Leitch. *Ritual Offerings*. Nephilim Press, 2014. Sobre esse tema são valiosas as contribuições de Jake Stratton-Kent. *Encyclopaedia Goetica* (3 vols.), Scarlet Imprint.

A iconografia de Baphomet como o Maioral da Quimbanda com seu famoso ponto riscado, as imagens em gesso dos Exus e Pombagiras, os assentamentos e sua conformação secreta, os ferros, os métodos de feitiçaria congo-angolanos miscigenados a feitiçaria ibérica e ameríndia, deu nascimento a Quimbanda Nàgô cuja gerência espiritual foi atribuída a Exu Gererê.



A conformação das Sete Linhas criadas inicialmente para compor a cosmovisão dualista da Umbanda é importante porque ela precede o sistema de Sete Reinos que começou a vigorar na Quimbanda no fim da década de 1980. A divisão de dois reinos, cemitérios e encruzilhadas, que Fontenelle propôs na década de 1950 parece ter sido o pontapé inicial para a sistematização dos Sete Reinos como conhecemos, que passaram a incluir as Sete Linhas distribuídas entre os Povos de Exu que compõem os Reinos.

As «Sete Linhas» não são vertentes de Quimbanda, mas «linhas de trabalho». Vamos a um exemplo: a Linha dos Caboclos Quimbandeiros, espíritos quizumbeiros das matas, não é uma vertente de Quimbanda. Não existe quem seja iniciado na «Linha dos Caboclos Quimbandeiros». No entanto, essa «linha de trabalho» responde dentro da Quimbanda Nàgô no Reino das Matas. As linhas se entrelaçam acompanhando a religiosidade endógena afro-brasileira, quer dizer, a síntese brasileira a partir das matrizes africana, europeia e ameríndia.

Fontenelle é importante também porque além de ser uma testemunha

ocular do desenvolvimento da Quimbanda como culto distinto da Umbanda, é nele que encontramos as primeiras referências sobre o Chefe Império Maioral regendo os trabalhos do «Povo de Exu», que ele identifica como Satanás (e Lúcifer) representado na imagem teriomórfica de Baphomet. E é interessante notar que Fontenelle coloca ênfase no fato de Maioral ser o regente de todo o «Povo de Exu», quer dizer, de todas as Sete Linhas ou na dimensão que ele mapeia a Quimbanda, os dois Povos do «Reino de Odum». O que confirma e repete na década de 1990 autores como José Maria Bittencourtt, repetindo também o sincretismo dos Exus com demônios do «Grimorium Verum».

Até aqui nós falamos da tradição literária e, portanto, do testemunho ocular de ocultistas umbandistas e kimbandas entre as décadas de 1940 e 2000 que apreciaram e acompanharam o desenvolvimento da Quimbanda e da Umbanda como sistemas separados, embora congruentes: «a Umbanda e a Quimbanda são linhas opostas, nunca se encontram», repetiu José Maria Bittencourtt a mesma tese de Aluizio Fontenelle e antes dele, Lourenço Braga, porque na visão destes umbandistas a Quimbanda trata-se de uma penumbra no cosmos da Umbanda, uma região onde não chega luz. Se por um lado a Umbanda recebeu legitimação social após muita luta no seu esforço de embranquecer suas raízes negras, a Quimbanda por outro lado continua até hoje marginal pelo fato de não se adequar ao embranquecimento de suas raízes e a não ceder de joelhos aos dogmas cristãos e a moral dos kardecistas umbandistas. Na Quimbanda Exu é Rei. Na Quimbanda Exu é Mestre!

## **A Gênese**

Não é possível saber onde, quando ou com quem exatamente se iniciou a Quimbanda Nàgô<sup>3</sup>. A tradição oral diz que o culto quem trouxe foi o próprio Exu Gererê em terra, sendo ele o «espírito primordial» dessa Banda, iniciando uma linha de trabalho de Quimbanda dentro dos métodos de feitiçaria congolanas, muito próximos da fundamentação do Candomblé de Caboclo. Deste mesmo tronco também nasce a «Quimbanda de Angola & Almas» cujo espírito primordial trata-se de Exu-Rei Omolu. Essa é a gênese da vertente (ou linha de trabalho) chamada Quimbanda Nàgô, que depois disso se espalhou por todo Brasil, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, acompanhando a modernização, industrialização e urbanização destes grandes centros comerciais.

3 Táta N'zazi em 1953 no Rio de Janeiro, chefe da Tenda Caboclo Juracy, é considerado o primeiro kimbanda a assumir os moldes modernos que conhecemos hoje na Quimbanda, associando os Exus e Pombagiras a demônios europeus. Não há registro histórico nenhum, mas a tradição oral conta que foi ele o primeiro a eleger a iconografia de Baphomet para o Chefe Império Maioral em um altar dentro do culto. Dois anos depois da publicação do livro Exu de Aluizio Fontenelle.

É interessante notar que desde sua matriz, a Macumba, a Quimbanda acompanhou a intensa mudança cultural que ocorreu desde o fim da escravidão até a formação dos conglomerados industriais, suprindo – como é o papel de toda genuína feitiçaria – os anseios e necessidades da vida nos grandes centros. Com a mudança vertiginosa de uma sociedade agrícola e escravocrata para uma sociedade industrial de trabalho livre, os centros urbanos começaram a concentrar as maiores fontes de renda, o que aumentou a população nas cidades e diminuiu a população nos campos.

Foi nesse contexto de mudança social que o Candomblé de Caboclo saiu da Bahia e chegou ao Rio de Janeiro e em São Paulo, se encontrando e se miscigenando com a Macumba/Umbanda que também se estabelecia como movimento religioso. É desse encontro que nasce a Quimbanda Nàgô, primeiro de maneira muito rudimentar dentro do Candomblé de Caboclo que gradualmente começou a se «umbandizar» para, em um segundo momento, desenvolver-se e aprimorar-se completamente para muito além deste. O termo «Coroação de Exu» vem dessa época, onde a iniciação e assentamento do Culto de Exu durava uma semana, entre a mata e o terreiro. É dentro deste contexto nàgô-banto das influências mútuas entre Macumba/Umbanda e o Candomblé de Caboclo que as primeiras giras de Exu começaram a ocorrer no Rio de Janeiro dentro dos terreiros de Umbanda<sup>4</sup>.

A tradição oral diz que «nós louvamos Exu Gererê como espírito primordial para através dele louvamos todos os Exus que vieram antes dele e a memória de todos os adeptos que vieram antes de nós». A Quimbanda Nàgô é considerada a mais antiga de todas e em um passado não tão distante, muitos Tátas nem sabiam que os fundamentos que estavam praticando eram a vertente nàgô da Quimbanda. Exu Gererê

As «linhas» de Quimbanda



4 Sobre as manifestações de Exu no Candomblé de Caboclo, a profunda confluência com a Umbanda, veja Reginaldo Prandi (Org.). Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Pallas, 2011. Sobre a intensa confluência e miscigenação cultural africana, europeia e ameríndia veja os ensaios de Valéria Costa e Flávio Gomes (Orgs.). Religiões Negras no Brasil: da Escravidão a Pós Emancipação. Selo Negro, 2016. Um resumo e introdução excelentes sobre o tema em Humberto Maggi. Rainhas da Quimbanda. Via Sestra, 2020. Uma pesquisa curta e concisa sobre a feitiçaria ibérica no Brasil veja Gilmar Cruz. Práticas de Feitiçaria: o Caso de Maria Gonçalves Cajada. Via Sestra, 2019.



não são «vertentes» de Quimbanda, mas grandes agrupamentos primários de espíritos classificados segundo seus padrões vibratórios (frequência) e que respondem «dentro» das diversas «vertentes» de Quimbanda: Malê (ou Malei), Mussurobi, Nàgô, Almas etc. O que as «vertentes» de Quimbanda oferecem são as «chaves de acesso» a esses agrupamentos de espíritos que com o passar do tempo e instrução espiritual deles mesmos foram organizados em «reinos» e «povos». As «vertentes» são definidas, portanto, pela «maneira» como propõem os fundamentos e as chaves de acesso.

A «Linha dos Caveiras» é um «povo» organizado em «falanges» dentro do Reino das Almas (ou do Cemitério em algumas vertentes), não uma «vertente» de Quimbanda. Da mesma maneira a «Linha dos Caboclos Quimbandeiros» é um «povo» dentro do Reino das Matas (ou Africano em algumas vertentes). Assim, como veem as «Linhas de Quimbanda» então dentro de todas as «vertentes» de Quimbanda. De outro modo, independente da «vertente», onde o Chefe da Casa for Exu Caveira, ali existe a «Linha dos Caveiras»; de igual modo, independente da «vertente», onde Exu Pantera Negra for o Chefe da Casa, ali existe a «Linha dos Caboclos Quimbandeiros».

Os Reinos da Quimbanda estão diretamente associados com a evolução do planeta Terra e a vida do ser humano, classificados a partir disso. Inseridos e organizados em «povos» estão os espíritos da Quimbanda agrupados em «falanges» (o nome destes espíritos)



e «legiões» (espíritos de falanges diversas que operam várias «bandas», são os «Exus Cruzados»). Dessa forma é possível que alguns Exus e Pombagiras operem em reinos distintos. É através dessa interação entre os povos que nascem esses espíritos cruzados (i.e. miscigenados) na Quimbanda. É o caso de Pombagira Cigana das Sete Saias e Exu Tranca Ruas de Embaré por exemplo. Hibridismo e miscigenação religiosa estão nas raízes fundantes da espiritualidade banto-brasileira.

Os espíritos originários das «vertentes» de Quimbanda se manifestam nos padrões vibratórios de cada uma, e isso se materializa na «maneira em como» os fundamentos são transmitidos e praticados. No entanto, isso também não impossibilita que estes «Exus Primordiais» se manifestem em outras «vertentes». Então existem distinções práticas entre as «vertentes», no entanto elas são «convergentes». De outro modo, as linhas e povos da Quimbanda existem independentes da maneira como os

fundamentos são praticados pelos adeptos, deste modo o Exu Primordial de uma «vertente» pode se manifestar como «falangeiro» em outra.

Exu Gererê ou Exu Rei de Ganga como é conhecido na Quimbanda Nàgô é o Exu Primordial dessa «banda», responsável por sua fundação; trata-se de um espírito muito antigo conectado a deidades guerreiras, das águas (mares e rios) e das matas, espíritos diversos da natureza e dos mortos. Na Quimbanda Nàgô ele está conectado ao Reino Africano (e por esse motivo algumas vertentes que não operam com este Reino o classificam no Reino das Almas), mas com intensa atuação no Reino das Matas e da Calunga Grande (Praia/Água).

Os símbolos de Exu Gererê são a espada e o tridente, considerado ser um «general guerreiro» e «mestre da guerra» na Quimbanda Nàgô. Outro símbolo atribuído a Exu Gererê é o «peixe», por isso muitos também o associam a pesca, a fartura, a multiplicação, o progresso e a prosperidade, refletindo a abundância dos mares. A palavra «gererê» vem do tupi «iereré» que significa o

ato de pescar usando uma vara chamada «puça». No «ponto riscado» de Exu Gererê vê-se o símbolo do peixe e abaixo dele o símbolo do Elemento Água (e do signo de Aquário, o portador das águas).

Esses dois símbolos unidos dão um significado mais esotérico a «pesca» como «algo não realizado», «conhecimento» ou «sabedoria não apreendida»; em outras palavras, compreender algo que está à frente, mas que necessita de investigação para que paulatinamente possamos solucionar a questão, ou seja, trata-se da própria iniciação. Exu Gererê vem pescar almas profanas e conduzi-las ao caminho da iniciação, da compreensão correta e da gnose. Por esse motivo algumas casas associam Exu Gererê a Lúcifer, o portador da luz do conhecimento<sup>5</sup>.

Exu Gererê está diretamente associado aos poderes e virtudes do Sol, da Lua e do Fogo, que são as potências dos três Maiores da Quimbanda. Fogo e Água são elementos profundamente conectados a Exu Gererê, por isso sua bebida predileta é a cachaça que simboliza a união desses elementos tão antagônicos. Por conta dessa alquimia Exu Gererê atua diretamente no gerenciamento das emoções.



O Sol, a Lua e o Fogo simbolizando os Maiores respectivamente, Beelzebuth, Ashtaroth e Lúcifer, têm um significado esotérico mais profundo herdado da tradição fáustica da magia, associado a atuação de Exu Gererê e de todo Povo de Ganga, pois estes elementos representam a operação alquímica de morte e renascimento necessária a deificação da alma e a admissão ao Reinado do Chefe Império Maioral como Exu ou Pombagira no pós-vida<sup>6</sup>. O Fogo (Lúcifer) é o ímpeto ígneo da

Verdadeira Vontade em busca do autoconhecimento e emancipação espiritual; o Sol é o elemento ativo-criativo e fálico-masculino; a Lua é o elemento passivo-fecundo e receptivo-feminino. Nos grimórios da magia fáustica esses símbolos e a operação alquímica que eles representam estavam associados aos três

5 Se levarmos toda essa questão aos domínios da Árvore da Vida, fica fácil associar Exu Gererê ao 28º Caminho que concentra muita força e poder e conecta Yesod a Netzach, ao Atu IV do Tarot, o Imperador (o Filho da Manhã, o Chefe entre os Poderosos) e a letra hebraica «Tzaddi», que significa «anzol». O anzol é o que prende o peixe, que o fiska, da mesma maneira que Exu Gererê fiska e prende os adeptos ao caminho da iniciação.

6 Veja o texto Quimbanda & Tradição Fáustica, Tática Nganga Kamuxinzela.

demônios líderes das hostes infernais, genitores dos diversos demônios abaixo deles. Essa dinâmica criativa da demonologia dos grimórios alimentou as estruturas da formação do Culto de Exu no Brasil no seu segundo momento.



## ○ Renascimento da Quimbanda Nãgô

Por volta da década de 1990 e anos 2000 os fundamentos do culto da Quimbanda Nãgô estavam completamente perdidos. Muitas famílias trabalhando apenas com fundamentos parciais: algumas sem assentamentos ou oráculo, outras sem os fundamentos do Cruzeiro das Almas ou do égún capataz. O ponto riscado de Exu Gererê (veja o frontispício dessa edição) e os elementos que deram nascimento a

Quimbanda Nãgô também perdidos, assim como os mistérios que envolvem seus pontos cantados, rezos e consagrações. Mas foi com os esforços de Exu Sete Catacumbas e seu médium, o Táta Nganga Malembu Mikunga (a.k.a. Gustavo Lopes), que um exercício de reconstrução e reativação dos mistérios e arcanos do culto começou a acontecer.

Com o auxílio de seu mestre iniciador, o Táta Nganga Kilumbu (a.k.a. Marco Antônio Nogueira Filho) do Exu Marabô, e de outros iniciados mais antigos da Quimbanda como Mestre Muloji, a Bruxa Fernanda, o Pai Lucas (in memoriam), o Pai Anderson do Tranca-Ruas e o Mago Barão, Táta Malembu através do Exu Sete Catacumbas reconstruiu e reativou o culto, convergindo todos os fundamentos perdidos, incluindo os nomes iniciáticos dos adeptos<sup>7</sup> iniciados e o ponto riscado de Exu Gererê na conformação e estrutura que hoje conhecemos.

Então um movimento amplo de divulgação da Quimbanda Nãgô se iniciou nos anos 2021 e 2022 através dos esforços do Táta Nganga Kamuxinzela (a.k.a. Fernando Liguori) e de seu discípulo, o kimbanda Zelawapanzo (a.k.a. Douglas Rainho) através de vídeos e artigos. A Revista Nganga é o pontapé de um projeto de divulgação da Banda de Exu Gererê, a Quimbanda Nãgô, através da família Danjilesumbu.

{ Táta Kimbanda Fernando Liguori  
 Cova de Cipriano Feiticeiro  
 Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera Negra }

7 A informação que não havia nome iniciático na Quimbanda Nãgô após a iniciação é equivocada. Àqueles que a propalam falam de um tempo em que os fundamentos do culto já haviam se perdido.

# Ⓞ Pacto com o Diabo

& A MAGIA CERIMONIAL EUROPEIA NA TRADIÇÃO DE QUIMBANDA



*O demônio cotidiano dos colonos tinha várias faces. [...] Aqui, o diabo tinha ainda os traços familiares da tradição folclórica, a ambiguidade própria à cultura popular. Diabos podiam se invocados a cada instante para ajudar no jogo de cartas, para servirem de coniventes amistosos em desabafo verbais. Acoplando-se à realidade nova – a colonial –, estes traços arcaicos e referentes ainda à magia de conjuro ganhavam nova forma: deixavam de ser medievais para, no novo contexto, se recombinarem e se tornarem coloniais. Coexistiam com outros, com a passividade moderna ante o diabo, que traduzia ecos das formulações demonológicas e das teorizações acerca do pacto: desta forma, o nível erudito acabava impregnando o popular. Os picos de virulência demoníaca aparecem justamente no espaço privilegiado dos discursos imbricados: os processos, quando os colonos abandonam a antiga familiaridade com o demônio e se mostram sujeitos a ele. [...] Assim como os jesuítas haviam desempenhado função demonizadora durante o século XVI, vendo sabbats nas cerimônias indígenas, foi ainda a cultura das elites que contribuiu para que o diabo ganhasse dimensão virulenta na vida cotidiana dos colonos. No século XVIII, o terrível moralista que foi Nuno Marques Pereira veria sabbats nos Calundus coloniais<sup>1</sup>. Se por um lado a Igreja fabricava demônios por toda parte, a população europeia e colonial brasileira compartilhavam suas vidas e seu dia-a-dia com diabos e diabretes de todos os tipos. Embora fosse uma contravenção religiosa criminosa por*

*volta do Séc. XVIII, homens e mulheres conviviam com demônios como se fossem amigos inofensivos, não compartilhando da visão erudita dos tratados demonológicos. No período colonial brasileiro, era comum a invocação de demônios para todos os fins; um período onde inúmeras mulheres foram condenadas por conversarem com o Diabo ou manterem relações com um diabo pessoal (familiar)<sup>2</sup>.*

1 Laura de Mello e Souza, O Diabo e a Terra de Santa Cruz. Companhia das Letras, 1984.

2 Fernando Liguori, A Tradição de Quimbanda (artigo ainda inédito).



Os tribunais do Santo Ofício de Portugal operaram fora dos padrões de costume europeus. Ao invés de se concentrarem na caça às feiticeiras, a Inquisição em Portugal se preocupou mais em perseguir e condenar as heresias dos judeus e dos negros do que as mulheres envolvidas com feitiçaria. Não que o julgamento de bruxas não existisse, no entanto elas não eram a grande preocupação dos inquisidores portugueses.

Quando o Santo Ofício de Portugal levantou suas armas, os inquisidores se deram conta de que os judeus estavam espalhados por toda parte,

contaminando a fé da sociedade portuguesa. Por conta disso, iniciou-se uma onda de antissemitismo que perdura até os dias de hoje entre os portugueses<sup>1</sup>. Outro fato interessante é que as feiticeiras julgadas e degredadas ao Brasil em exílio não cometiam heresia, como os judeus, mas simples atos contra a fé. Os inquisidores, baseados em manuais como O Martelo das Feiticeiras, procuravam indícios de pactos demoníacos, marcas do Diabo ou vestígios do sabbath das bruxas. No entanto, o que eles encontraram nos relatos/confissões das feiticeiras eram receitas da pura e singela feitiçaria popular, o que não só contrastava com o que eles buscavam, mas extrapolava, até mesmo, o conhecimento que eles possuíam sobre o que buscavam.

*[...] A análise intensiva dos cerca de cem processos da Inquisição que selecionamos sobre a magia mostrou uma enorme loquacidade dos presos, denunciadores e testemunhas, apesar de nenhum deles ter sido submetido à tortura. As declarações encontradas não correspondiam, na maior parte dos casos, ao universo mental dos juízes. Enquanto os inquisidores se preocupavam em saber se as práticas mágicas tinham se beneficiado do pacto diabólico, os agentes inquiridos falavam de práticas sincréticas, com a invocação alternada de Deus e dos demônios, de almas e de forças sobrenaturais, no lançamento de sortes, na realização de conjuros, no prognóstico do passado, do presente e do futuro, na elaboração de filtros de amor, fervedouros, ligamentos, amuletos, nominas, cartas de tocar, feitiços de benquerença e de malquerença<sup>2</sup>.*

No que tange a herança da feitiçaria ibérica no primeiro momento<sup>3</sup> do Culto de Exu no Brasil, dois séculos são de fundamental importância para nosso entendimento. No Séc. XVI, temos a chegada das feiticeiras exiladas pelo Santo Ofício português, trazendo com elas a tradição de feitiçaria popular, a transmissão do conhecimento oral, os ritos populares e a familiaridade com os demônios.

1 José Leitão, The Book of St. Cyprian: the Sorcerer's Treasure. Hadean Press, 2014.

2 Francisco Bethencourt, O Imaginário da Magia: Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no Século XVI. Companhia das Letras, 1991.

3 Período Colonial, Império e Primeira República. O primeiro momento do Culto de Exu no Brasil se estende do Brasil colônia até as décadas de 1940 e 1950, quando surgem as primeiras publicações sobre Quimbanda. É só no segundo momento, a partir da década de 1950, que a Quimbanda começa a surgir com a estrutura que hoje conhecemos.



*Vodu, Hoodoo, Santeria, Macumba, Ju-ju e Obeah nas Américas e na África. Um modelo católico do universo, incluindo o céu, o purgatório e o submundo, influenciou a aceitação congoleza e o uso do catolicismo em suas práticas mágicas, como Palo Mayombe. É tão útil na necromancia ocidental<sup>5</sup>.*



A magia popular da Ibéria carecia da erudição dos grimórios, suas longas listas de demônios, seus poderes e tarefas, além de dar pouca ou quase nenhuma atenção a hierarquia infernal. Uma característica indelével da magia popular ibérica na Idade Média é o trato com as almas dos mortos, uma herança da Antiguidade greco-romana que foi demonizada pela Igreja através de Santo Agostinho. No entanto, como sabemos, para poder abranger seu poder e influência, a Igreja reconfigurou inúmeras práticas mágicas do Mundo Antigo, inclusive o trabalho com a alma dos mortos através do culto aos santos. Os santos são almas de mortos deificadas que passaram a exercer grande influência na magia popular da Antiguidade e Idade Média; por conta disso eles começaram a aparecer ao lado de demônios em inúmeros feitiços de magia popular.

Outra característica típica dos feitiços da magia ibérica é o valor dado às almas dos mortos, feiticeiros e feiticeiras condenados a danação no inferno e que, por seu envolvimento com as artes mágicas, adquiriram o status de comando dentre as legiões de demônios, como é o caso de Maria de Padilha (1334-1361), amante e esposa de Pedro, o Justo (1334-1369), rei de Castela e que exerceu sobre ele uma influência mágica. Ela era convocada em feitiços necromânticos junto a uma quadrilha de espíritos, a legião de demônios que ela comandava no inferno. O que o Santo Ofício procurava eram indícios de pacto com o Diabo entre as feiticeiras ibéricas, de acordo com a sofisticada linguagem dos grimórios. Mas o que encontraram foram feitiços simples com entregas de oferendas. Mas como se tratava também de um exercício criminoso podendo ser interpretado como idolatria herética, esse tipo de prática, o arriamento de oferendas, desapareceu completamente da tradição dos grimórios salomônicos.

É por isso que vemos uma diferença considerável no trato com os espíritos no Hygromanteia: o Tratado Mágico de Salomão e nos grimórios modernos como o Grimorium Verum, que ensinam uma relação mais amena com os espíritos, dos grimórios da tradição salomônica em que os espíritos são tratados com violência. Vamos nos lembrar que os grimórios salomônicos estavam, em parte, em sincronia com a doutrina cristã da época e como tal espelhavam todas as crenças cristãs, quer dizer, para um mago salomônico um demônio é uma criatura deplorável e desprezível que deve ser tratada com rigor, na ponta da espada e na lambada do chicote.

Para eles, os espíritos conjurados nos grimórios salomônicos, o melhor que poderiam esperar do mago era a brasa vermelha do carvão. No entanto, foi justamente a tradição do arriamento de oferendas dos grimórios modernos que influenciou a tradição ibérica da magia. Não tardou e essas práticas das feiticeiras ibéricas logo foram assimiladas pela cultura crioula e os índios escravizados no Brasil colonial, unindo suas forças contra os opressores escravocratas. Feiticeiras, negros e índios formaram alianças e delas nasceu à típica feitiçaria tradicional brasileira que mesclava a sabedoria ameríndia, os arcanos da feitiçaria crioula e a magia e demonologia iconográfica europeia. É



deste caldeirão que nasceu a Quimbanda, profundamente influenciada pela feitiçaria popular europeia.

O Santo Ofício na Europa nunca conseguiu encontrar ou supostamente desmanchar qualquer grupo de feiticeiros reunidos em covens ou sabbaths. Todo o conhecimento que possuíam de tais encontros de voos noturnos, iniciação e pacto com o Diabo, orgia e sacrifício veio das confissões de feiticeiros emboscados, às vezes torturados, enjaulados e condenados à morte. No entanto, isso mudou drasticamente no período colonial brasileiro. Se por um lado o Santo Ofício na Europa não conseguiu encontrar um agrupamento de pagãos praticando heresias, na Terra do Diabo, o Brasil, a Igreja, através de seus colonizadores, encontrou as festividades aborígenes dos índios brasileiros que praticavam canibalismo e dançavam nus.

Aos olhos dos colonizadores, tratava-se de uma reunião diabólica bem similar ao sabbath das bruxas. Se na Europa o Diabo foi perseguido, muito provavelmente, ele fugiu de lá e encontrou refúgio entre os índios brasileiros, chamados pelos jesuítas de povo do diabo, pois culturalmente praticavam a poligamia, o incesto, a nudez e o paganismo, o que os europeus culturalmente

deploravam. Foi dessa maneira que o Novo Mundo deixou de ser a terra de Deus do Séc. XVI para se transformar na terra do Diabo do Séc. XVIII.

Por outro lado, o fenômeno da possessão e o contato com espíritos pode ser rastreado na África há pelo menos há vinte mil anos<sup>6</sup>. As cerimônias espirituais dos escravos africanos no Brasil envolvia transe mediúnico e possessão daimônica. Como este fenômeno fora difamado como diabólico desde as interpretações de Santo Agostinho, a prática espiritual dos escravos africanos também foi considerada uma reunião diabólica, os famigerados Calundus da Bahia.

A possessão por espíritos tornou-se com o tempo a marca indelével da feitiçaria tradicional brasileira. O arriamento de oferendas, o transe induzido por música e batuques de tambor, a iniciação e o corte (sacrifício), o frenesi sexual e o lançamento de maldições e feitiços de morte se mesclariam em uma das mais autênticas formas de goécia brasileira: a Quimbanda, que desenvolve, podemos dizer, um típico sabbath das bruxas em suas giras. Dessa maneira, observamos que no Caldeirão de Exu que formou a tradição da Quimbanda encontramos a prática da feitiçaria crioula africana unida a feitiçaria ibérica, ao culto de êxtase greco-romano e a magia ameríndia brasileira.

6 O fenômeno era amplamente conhecido na Europa em detrimento da herança cultural da Antiguidade, onde a inspiração divina ou possessão era uma característica típica da experiência religiosa dos primeiros séculos de nossa era. Na Antiguidade a inspiração divina era a fonte de importantes oráculos, como aquele de Delfos, visitados por indivíduos ou até caravanas. A intenção em frequentar estes oráculos era pedir instruções para vida e eles eram proferidos por médiuns (sacerdotisas ou sacerdotes) inspirados, quer dizer, possuídos, por uma deidade, deus ou daimon.

O conhecimento deste fenômeno foi fundamental na expansão do cristianismo. A possessão demoníaca era amplamente conhecida pela cultura do Mediterrâneo. Era uma prova de santidade e autoridade espiritual exorcizar o demônio que possuía o corpo das pessoas. Na Antiguidade o exorcismo era praticado por curandeiros/feiticeiros. Mais tarde o cristianismo considerou essa capacidade um dom de Deus, conferida a indivíduos merecedores. A partir de Santo Agostinho a possessão, de qualquer forma ou por qualquer tipo de espírito, foi interpretada negativamente, o que também teve impacto na tradição da magia a partir da Idade Média e Era Moderna, quando foi considerada por magos como um tipo inferior de prática de feitiçaria, distinta daquilo que ficou conhecido posteriormente com Éliphas Lévi como alta magia.

Após a abolição da escravidão no Brasil, um intercâmbio cultural mais intenso entre negros e europeus iniciou-se. Na cidade do Rio de Janeiro, já no Séc. XIX, os descendentes de africanos ocupavam uma grande área onde esse intercâmbio favorecia a prostituição, o crime e a bandidagem, bem como a formação de um movimento mágico-religioso denominado de Macumba. A Macumba tinha forte influência religiosa da cultura banto (angolana e congoleza) que cultuava os ancestrais divinizados, os baculos, considerados poderosos espíritos capazes de se comunicarem e auxiliarem os homens.



No início do Séc. XX, a maioria dos negros africanos e seus descendentes eram de origem Congo-Angolana; mas já havia chegado também no Brasil e de forma mais organizada grande massa de população africana da cultura yorùbá, influenciando os primeiros Candomblés das cidades desde o fim do Séc. XIX com o culto aos òrìsà. Os negros de língua kikongo incorporaram à sua prática espiritual a magia ameríndia dos aborígenes brasileiros, a feitiçaria ibérica e catolismo popular, bem como o culto aos òrìsà dos yorùbás. Essa confluência cultural deu nascimento ao movimento da Macumba. Na Macumba, a influência mágico-cultural banto pode ser inferida pela prática dos pontos riscados e pontos cantados para convocar os espíritos, o transe e a possessão daimônica através do ritmo dos tambores e outros instrumentos<sup>7</sup>.

Os seguintes ingredientes, a partir do que vimos até aqui, compõem a gênese da feitiçaria tradicional brasileira:

1. A miscigenação mágico-cultural entre feiteiras europeias exiladas no Brasil Colonial pelo Santo Ofício com os escravos africanos e índios;
2. A miscigenação mágico-cultural entre os escravos libertos na Primeira República, seus descendentes e os novos europeus imigrantes (principalmente italianos) que trouxeram com eles a magia popular europeia, influenciando profundamente a formação da Cabula e posteriormente a Macumba, quando a cultura banto se encontra com a cultura yorùbá;
3. A influência do espiritismo francês na feitiçaria brasileira no início do Séc. XX<sup>8</sup> que deu nascimento a Umbanda<sup>9</sup> como derivada da Macumba.

Estes são os ingredientes fundamentais que deram estrutura à feitiçaria tradicional brasileira como conhecemos hoje. Pelas descrições do trabalho de um feiteiro famoso no Brasil, Juca Rosa, o Chefe das Macumbas por volta do Séc. XIX no Rio de Janeiro, podemos inferir que a Macumba

7 A feitiçaria europeia também fazia amplo uso de símbolos mágicos riscados no chão e é possível dizer que ela foi influenciada – mas também influenciou – a feitiçaria crioula que chegou ao Brasil. Os pontos riscados da Quimbanda derivam dessa influência mútua, mas não é possível inferir o grau dela na feitiçaria brasileira. De certo, a estrutura ritual da feitiçaria brasileira herda sua configuração da cultura banto (canto, batuque, transe e possessão), sua iconografia, por outro lado, é herança da feitiçaria e demonologia europeia nas imagens de Exu e Pombagira.

8 A ideia, por exemplo, de que espíritos evoluem. Essa é uma das principais características do kardecismo e que influenciou a cosmovisão de muitas umbandas. Nessas umbandas kardecistas espíritos podem evoluir. Essa ideia não existia na tradição da magia até que Charles Darwin (1809-1882) desenvolveu sua teoria da evolução de todos os seres. Sua teoria teve tanto impacto na comunidade científica que Allan Kardec (1804-1869) logo tratou de trazê-la ao espiritismo. No mundo do ocultismo foi H.P. Blavatsky (1831-1891) que introduziu a ideia em sua Sociedade Teosófica; o espiritismo kardecista teve sua inspiração nas mesas mediúnicas de Blavatsky. A partir de Darwin e por extensão Blavatsky e Kardec, espíritos passaram a evoluir depois de mortos. Pessoalmente essa ideia me desce quadrada na goela. O homem da Antiguidade, mago ou não, nunca acreditou nisso. A deificação da alma ocorre após um caminho perseguido em vida, não após a morte. Ao mago da Antiguidade essa teoria seria uma piada! A Quimbanda não coaduna com essa ideia de evolução de espíritos.

9 A Umbanda, podemos dizer, foi um braço ou extensão natural da Macumba a partir da influência do kardecismo francês. O nome Umbanda vem de embanda, termo que na Macumba designava o chefe do terreiro. Mas acredita-se que na cultura banto um embanda trata-se de um feiteiro curador.



foi a generatrix do Culto de Exu que conhecemos hoje como Quimbanda<sup>10</sup>. A biógrafa de Juca Rosa fala de suas viagens de purificação a Bahia, um local onde a presença da cultura de yorùbá e o culto aos òrìsà era bem forte. Disso, inferimos um intercâmbio mágico-cultural que daria por um lado à formação da Macumba e por outro lado a formação da Umbanda e da Quimbanda. Juca Rosa declarava que sua entidade podia tanto executar o bem quanto o mal, o que descreve o próprio exercício ou movimento de Exu.

*Os mais antigos, frequentadores de longa data daquelas atividades, sabiam o que estavam prestes a presenciar.*

*Haveria música, dança, muita comida e bebida. A certa altura, Rosa iria entrar em transe, quando, ao que se dizia, ele recebia espíritos em seu corpo, ou «falava com espíritos», e então se transformava: passava a agir como o Pai Quibombo, e não mais como José Sebastião da Rosa. Nesse estado ele atendia as pessoas, já que ficava dotado de um poder «sobre o natural»<sup>11</sup>.*

A descrição dos rituais da Macumba demonstra a herança banto na feitiçaria tradicional brasileira: o pilar do trabalho de Juca Rosa era a possessão mediúnicamente de espíritos ancestrais divinizados. Na presença do Pai Quibombo, podemos ver a gênese do trabalho com os Preto-Velhos na Umbanda. No entanto, o nome Macumba foi uma designação externa ao movimento, pois a música dos rituais continha inúmeros instrumentos, dentre eles a macumba. Por isso, Juca Rosa era conhecido como o Chefe das Macumbas. Nos rituais ele se vestia de preto e vermelho e sacrificava galos: Entre os diversos orixás cultuados, tanto na Umbanda quanto no Candomblé, o culto da entidade Exu parece ser o que mais se aproxima das cerimônias de Rosa<sup>12</sup>.

Como os Exus herdaram a iconografia diabólica europeia e como o próprio òrìsà Esù já havia sido demonizado, tornando-se uma versão do Diabo cristão, o trabalho com essa classe de espírito tornou-se tabu. *Muitas vezes identificado como o Diabo cristão, Exu é, entretanto, bem diferente dele. Na religião cristã o demônio é associado ao mal absoluto; remete-se a representações da Inquisição. Na Umbanda, e também no Candomblé, porém, Exu não é apenas ligado ao mal. Mesmo que sua representação seja a da figura de um diabo, com tridente, chifre e rabo, Exu, originalmente, tem uma condição ambígua, não sendo nem bom nem mal, mas podendo realizar malefícios ou benefícios conforme é manipulado. Teimosos, abusados, os diferentes Exus são potencialmente perigosos, pois aceitam qualquer pedido de seus clientes,*

10 Veja Gabriela dos Reis Sampaio, A História do Feiticeiro Juca Rosa. Tese de Doutorado, maio de 2000.

11 Ibidem.

12 Ibidem.

*independentes de preocupação de ordem moral, desde que sejam devidamente pagos*<sup>13</sup>.

Exu como Diabo já chegou endiabrado da África. Quando os missionários cristãos chegaram no continente africano, um local de temperaturas tórridas onde deuses e deusas, forças da natureza eram venerados em uma cultura que desconhecia a noção de pecado, uma terra de poligamia, nudez, animais exóticos ferozes e sacrifícios macabros, eles encontraram a expressão última do Diabo europeu como o Espírito da Natureza em uma deidade do panteão yorùbá, Esù, um deus fálico que apresentava uma força dinâmica que simbolizava o poder de crescimento e mudança presente na Natureza.

Como esse poder de Esù era, essencialmente, fálico, para expressar a potência deste poder como uma força sexual, ficou fácil associá-lo ao deus Pã, o sedutor das ninfas de cascos e chifres. Esù logo tornou-se o Diabo africano. Mas antes mesmo da chegada dos europeus na África, Esù já era considerado um propagador do mal que impelia as pessoas a cometerem atos ilícitos, quer dizer, fora dos padrões aceitos pela sociedade. Desse modo, o caminho para demonização de Esù já estava previamente pavimentado antes da chegada dos europeus.

Quando a literatura kardecista chegou ao Rio de Janeiro no fim do Séc. XIX, ela influenciou profundamente os praticantes de Macumba e no início do Séc. XX a Umbanda seria fundada, segundo o mito criado, na cidade de Niterói como um braço ou extensão natural da Macumba. A Umbanda propôs uma salubridade na Macumba e, por extensão, no Culto de Exu. Para tal, ela interpretou Exus e Pombagiras como almas ainda apegadas em demasia à matéria e que poderiam evoluir caso aceitassem a Lei de Umbanda. Daí nasceu termos como exu pagão, quer dizer, Exus e Pombagiras que não aceitaram a Lei de Umbanda.

A Umbanda entendeu que sob a égide dos òrìsà, os Exus e Pombagiras poderiam se tornar mestres curadores e resgatadores de almas. Por isso, é comum ver Exus na Umbanda exaltando as Leis de Deus e o poder do nome de Jesus





Cristo. Dentro da Umbanda, portanto, o Culto de Exus começou a ser chamado de Quimbanda, representando aquela seção da gira que convoca Exus e Pombagiras.

*Quando os homens brancos de classe média criaram a Umbanda, misturando as práticas da Macumba com os princípios do Espiritismo de Kardec, iniciaram um processo que levou décadas, durante o qual as práticas originais eram selecionadas, censuradas e até banidas. A Quimbanda, então, se tornou o termo pelo qual os intelectuais umbandistas se referiam às práticas que julgavam inacessíveis, e isto incluía para muitos trabalhar com exu e pombagira. Quimbanda tornou-se então uma categoria de acusação, era magia negra (com dupla conotação, negra indicando tanto a intenção maligna quanto a magia primitiva de origem africana) feita por outros. Quando os exus começaram a ser aceitos oficialmente nas sessões, Quimbanda passou a ser usada para indicar parte da obra ou «gira», onde se chamam os exus e as pombagiras<sup>14</sup>.*

O tempo demonstrou que os Exus e Pombagiras da Quimbanda não gostaram nada dessa ideia de estarem alinhados a Lei de Umbanda e lentamente a Quimbanda começou a se separar da Umbanda para tornar-se um culto a parte, baseado em suas próprias leis e cosmovisão. Disso, nasceram sistemas distintos de interpretação da Quimbanda através de um processo de sincretismo que é típico ao espírito da cultura banto. Se o Culto de Exu fora incompreendido porque herdou

14 Humberto Maggi, A Gnose do Diabo, em Scientia Diabolicam, Clube de Autores, 2019.

a iconografia diabólica europeia inspirada no Esù yorúbá demonizado, dando a ele os contornos diabólicos pelos quais ficou conhecido como diabo, a partir da década de 1950 com as publicações de Aluízio Fontenelle (1913-1952) a Quimbanda assumiria abertamente sua aliança com o Senhor das Trevas. Uma vez que a Umbanda começou a se submeter a autoridade colonialista em um trabalho de erradicação das raízes africanas, a Quimbanda nasce, ou melhor, se declara na mais clara luz do dia insurgente e reacionária a esse movimento embranquecedor, assumindo o Diabo como o símbolo máximo dessa luta.

Aluízio Fontenelle, publicou em 1951 uma obra estabelecendo equivalência entre os Exus e os demônios do Grimorium Verum. Foi através de seu trabalho, muito criticado até hoje, que a Quimbanda ganhou combustível para sair das sombras e assumir-se como um culto genuíno de feitiçaria e diabolismo brasileiro<sup>15</sup>.

A feitiçaria tradicional brasileira, fora a influência africana e ameríndia, está fundamentada também, como podemos averiguar, sobre uma herança mágico-cultural que se estende desde a Antiguidade tardia via a tradição cipriânica da magia, via o Espírito de São Cipriano impregnado na feitiçaria popular europeia (ibérica). Para compreendermos, efetivamente, a tradição cipriânica da magia, devemos sondar nas entranhas da Antiguidade suas raízes. É isso que veremos na próxima seção.

Laroyê Exu é Mojuba!

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
Cova de Cipriano Feiticeiro  
Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera Negra  
[www.quimbandanago.com](http://www.quimbandanago.com)

15 Leia o meu artigo A Quimbanda no Moderno Renascer da Magia (em duas partes) para mais detalhes sobre essa fusão sincrética diabólica.



# Exu de Umbanda e Quimbanda



Exu é um termo muito usado para designar espíritos que na Umbanda chamamos de Esquerda, mas essa nomenclatura não faz sentido quando falamos de Quimbanda.

Dentro do entendimento da Umbanda, todos os espíritos que atuam de uma forma mais "altruísta" seriam espíritos de direita e os espíritos que atuam de forma mais "egoísta", seriam os espíritos da esquerda.

Na Quimbanda, trabalhamos apenas com Exus e Pombagiras, mesmo que eles se manifestem com roupagens de Caboclos ou Pretos-Velhos (Quimbandeiros), ainda são Exus e Pombagiras. A Quimbanda é a casa de Exu, é seu Reinado, é seu Domínio!

Espíritos que carregam nomes como Tranca-Ruas, Tiriri, Marabô, Mulambo, Maria Padilha, João Caveira são vistos, aos montes, dentro da Umbanda. Contudo, espíritos menos conhecidos como 7 Facadas, Exu Mau-Olhado, Exu Destranca-Tudo, Exu 7 Caldeiras do Inferno etc., não se vê muito dentro da Umbanda (para não dizer que não se vê totalmente).

Por que isso? Existem diferenças entre Exu de Quimbanda e de Umbanda?

## OS EXUS NA UMBANDA

Na Umbanda, temos um entendimento que o Exu é um convidado e deverá sempre estar subordinado aos mandos de Caboclo e Preto-Velho, que são os donos da casa. Mesmo outras entidades como Baianos, são considerados Pretos-Velho; assim como Boiadeiros e Marinheiros são considerados Caboclos.

Desta forma, Exu na Umbanda não tem primazia ou chefia e deve respeitar as regras da casa e todas as diretrizes, sendo um tanto quanto cerceado em suas atribuições.

Entendemos que os espíritos que se apresentam como Exu, emprestam esse nome do Orixá Exu, mas pouco tem a ver de fato com essa estrutura espiritual, estando mais ligado ao entendimento de ser um Nganga, um espírito divinizado ancestral.

Então, fica a pergunta: Exu de Umbanda é diferente de Exu de Quimbanda? De fato, é, pois na Umbanda, nós chamamos de Exu, mas para Quimbanda ele nem Exu é.

Os Exus são espíritos que se apresentam nas Macumbas e Calundus há muito tempo, com a entrada do espiritismo e de egressos do catolicismo na Umbanda no começo do século XX, algumas coisas são mudadas.

Dentro do mito fundador da Umbanda, na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, tida como a primeira tenda de Umbanda do Brasil, não se trabalhava com espíritos de Exus e Pombagiras. Zélio, fundador da casa e seu chefe, teria dito em entrevistas que eles eram extremamente difíceis de seres trabalhados, quase que indomesticáveis e que representavam um perigo para os médiuns de Umbanda.

Claro que esse entendimento se dá muito pelo preconceito e não-entendimento sobre o que é Exu e pelo excesso da cultura cristã (católica) incluída na Umbanda.

Essa mudança começa a ocorrer quando uma das sete tendas fundadas pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas, a Tenda Espírita São Jorge, recebe a permissão de incluir os espíritos de Exus em suas linhas de trabalho.

Curiosamente, apesar de não ser totalmente aceito, vemos na obra de Leal de Souza, "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda", uma clara assunção dos Exus na Umbanda por via da sétima linha, que seria a Linha de Santos e Almas.





## O EXU NA QUIMBANDA

Para a Quimbanda, o espírito que chamamos de Exu só se torna de fato Exu quando ele passa pelo processo iniciático, pelo processo de batismo na Quimbanda, junto a seu tutelado. Então, enquanto na Umbanda, apesar de ser chamado de Exu, ele é um Exu em potencial, um Exu Trainee (como a brincadeira que eu sempre faço).

É claro que dentro da Umbanda existem também os rituais de Exu Pagão, Exu Batizado e Exu Coroado. Isso é uma estrutura da Umbanda, mas para a Quimbanda ela de nada vale, pois para ser um Exu, dentro do entendimento de Quimbanda ele tem que ser feito e batizado na Quimbanda.

Na Umbanda, um Exu Pagão é um espírito que foi arregimentado as linhas de Exu e Pombagira, mas que ainda não tem entendimento suficiente para trilhar o seu mestrado na feitiçaria sozinho, sendo assim, ele está para como um iniciante dentro das práticas de feitiçaria.

Após demonstrar seu valor por meio de muitos trabalhos feitos, esses Exus Pagãos que tinham tutores para lhes dar os trabalhos, acabam sendo batizados dentro desse entendimento Umbandista, para posteriormente quando são realmente coroados como Exus Livres. Contudo, essa estrutura de Umbanda não faz sentido dentro da Quimbanda.

Na Quimbanda, após a iniciação, o Exu Tutelar do iniciado (médium) também recebe sua iniciação e batismo dentro das hordas de Quimbanda. Após sua iniciação e assentamento, podem outros Exus que nem se aproximavam do médium na Umbanda, começar a chegar para compor sua família espiritual, sua banda.

E quando realmente um Exu recebe a outorga do batismo na Quimbanda ele ganha liberdade, ele está em casa, ele manda, ele é rei!

Então, os trabalhos mudam, sua energia muda, sua postura muda. É como se ele estivesse acorrentado e de repente as correntes se rompessem e agora ele é livre, mas também é o responsável pelo que ocorrer daí para a frente.

Inclusive, em uma casa de Umbanda chefiada por um Kimbanda, é notória a percepção de que o trabalho com Exus e Pombagiras se torna mais intenso e mais "forte". A atmosfera muda e,

até mesmo, os Exus dos médiuns não iniciados se tornam mais libertos, mesmo ainda não sendo considerados Exus de fato, pela Quimbanda.

Por essa liberdade, que não existe na Umbanda, é que alguns Exus preferem só trabalhar – visivelmente – na Quimbanda, porém isso não impede os espíritos de terem seus acordos no plano astral e por lá eles atuarem nas sombras.

Então, o Exu de Quimbanda de fato é diferente do Exu de Umbanda, mesmo que o Exu se apresentasse na Umbanda antes e virasse para Quimbanda depois, ele é diferente, se torna diferente, recebe mais mistérios, recebe mais axé, recebe a sua faca e, com isso, a liberdade.

O que muito confunde as pessoas é o fato de o Exu se apresentar na Umbanda, sempre trabalhar, ter seus resultados e não ser, de fato, um Exu. Como isso é possível? Isso se trata de nomenclatura. Dizemos que Umbanda é casa de Preto-Velho e Caboclo, onde Exu é convidado, sendo assim, é fácil entender que ele [Exu] não poderá ter total liberdade, assim como não damos liberdade total a um convidado em nossa casa.

Mas quando ele tá na sua casa [Quimbanda] ele é quem manda, e os outros espíritos acabam sendo convidados. Devido a diferença dos trabalhos no que tange a energia, raramente, espíritos

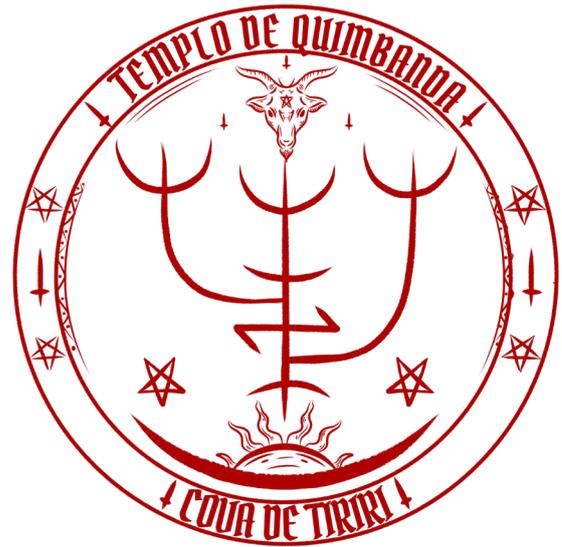
da chamada direita da Umbanda se apresentam na Quimbanda para algo, mas o entendimento que temos é que TODOS os espíritos tem alguma ligação e podem trabalhar conjuntamente, só não faz sentido isso dentro de um ritual fechado e tradicional como a Quimbanda. Desta forma, os Caboclos e Pretos-Velhos que aparecem na Quimbanda, são de fato Exus com roupagens dos povos originais e dos africanos que aqui estiverem em condição de escravos.

**Na Quimbanda, Exu é Rei! Na Quimbanda, ele é Doutor!**

{ Kimbanda Zelawapanzu  
Sacerdote de Quimbanda Nàgô do  
Templo de Quimbanda Cova de  
Tiriri }



# Idealizadores





@LUANODE\_